|  |  |
| --- | --- |
|  | PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  IFTDJ – Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa  Departamento de Ciências da Religião  Disciplina: Cultura Religiosa: Pessoa e Sociedade  Prof. Edward Guimarães |

**O DESAFIO DE APRENDER A PENSAR E AGIR ETICAMENTE**

**(Pesquisa e adaptação Edward Guimarães)**

**INTRODUÇÃO GERAL**

1 - Nosso tempo é caracterizado, por muitos, como um tempo de niilismo ético (niilismo = redução a nada, descrença total). Para estes, vivemos e convivemos sem **critérios éticos comuns**. E, nesse caso, tudo passa a ser avaliado segundo **nos**s**os interesses pessoais**. Assim, tudo se apresentaria como permitido, desde que fosse do nosso desejo individual. Acontece que uma realidade assim:

* Criaria na convivência humana uma **ausência de valores e normas éticas comuns** que decida ou oriente sobre o que devemos ou não fazer, sobre o agir certo e o agir errado, sobre o permitido e o proibido;
* Levaria a perda da **noção de sociedade** e, desse modo, a redução da coletividade à ditadura dos desejos individuais;
* Provocaria uma **volta ao domínio da lei do mais forte**, na qual os indivíduos são regidos e orientados por suas próprias vontades ou desejos;

2 - Refletiremos, criticamente, sobre a conduta humana com o objetivo de estabelecer critérios e valores humanos universalizáveis em vista de proporcionar orientação ao ser humano em sua conquista do bem e da vida feliz. Mas o que é a **Moral**? O que vem a ser a **Ética**?

**GESTO NO TURBILHÃO**

**Há grande diferença entre nascer homem e viver humanamente. Uma coisa é nascer dentro da espécie humana, e outra, existir especificamente de modo humano.   
 O homem pode ser apenas mais um elemento da raça humana. Lançado no mundo. Move-se pelo espaço. Dura no decurso do tempo. Está aí. É um ser posto no mundo. Mas, não se coloca a si mesmo dentro de uma constelação significativa. Apenas perdura no ser. Vegeta existencialmente. Obedece a uma espécie de determinismo existencial. Submete-se às leis da vida, O existir não passa de um dado recebido. Nesse caso, o homem não é história. É trânsito na história. O homem desfila juntamente com outros acontecimentos. É fração de um universo que está caminhando. Mas não coloca um gesto original seu no turbilhão do mundo. É um ser consentâneo. Não estorva o funcionamento da sociedade. Afinal, não escolheu sua vinda à existência... Se nasceu sem ser consultado, também viverá sem opinar.   
 Viver como ser humano é assumir a existência. É optar pelo existir. É querer ser segundo uma determinada forma. É comunicar significado à duração humana. É assumir de novo, cada dia, a própria vida. É mais do que concordar com a vida. É acordar a vida. É nascer pela consciência. É converter em escolha, o que não fora escolhido. É responsabilizar-se pelo que foi transmitido. É fazer do ponto de chegada, um ponto de partida. É fazer depender de opção, tanto o que pode ser decidido quanto o que não pôde ser decidido. É fazer história pessoal com aquilo que não passava de continuidade cronológica. Assumir a vida é empenhar-se para que a existência esteja nas mãos do homem, e não o homem nas mãos da existência.   
 É fácil assumir a vida quando tudo é favorável. Todo mundo está disposto a assumir o seu destino nos momentos de alegria, de vitória, de saúde, de projeção social, e nas situações normais. Duro é assumir a vida quando as condições são desfavoráveis. Difícil é assumir uma situação quando o homem está sendo agredido pela injustiça, traumatizado pela doença, dilacerado pela separação, roído pela fome, humilhado pelo desemprego, mutilado pelo acidente, imobilizado pela prisão, ferido por sucessivos golpes. Nessas horas, surge a tentação de despejar pedaços da existência como os caminhões despejam lixo à beira das estradas. A vontade de largar áreas que envergonham e fatos que sangram. No entanto, abandonar tais situações, seria rejeitar momentos constitutivos da própria vida. Saltar as condições que magoam, seria truncar a história pessoal.   
 É preciso assumir a vida integralmente. Não por conformismo. Não por aceitação passiva. Não por fatalismo. Assumir por consciência crítica, para separar o bem do mal, a justiça da injustiça. Assumir por criatividade, para reconstruir destinos humanos através de adversidades e fracassos. É necessário incluir, no programa existencial, os momentos de amargura e dilaceramento. Incorporar na dinâmica da vida, as experiências das crises, das contradições e da derrota. O homem é chamado a tecer a existência com a saúde, com a cultura, com os valores, mas também com os sofrimentos, o suor, a mutilação, a carência, e, até, com a morte.   
 Uma existência assumida corajosamente não é a legitimação cega de tudo que está errado por aí. É, sim, a glorificação do que há de nobre no mundo. É a acusação a tudo que é absurdo. É a revelação do valor do homem. Ao assumir a vida, o homem se compromete a fazer-se, mesmo dentro das situações que tentam desfazê-lo**.

ARDUINI, Juvenal. *Estradeiro – para onde vai o homem?* São Paulo: Paulinas, 1987, p. 230-231

**1ª PARTE: O PORQUÊ DA ÉTICA**

**I - PARA COMEÇO DA CONVERSA**

1 - "Que devo fazer?" "Será que é correto fazer isso?" "O mundo não deveria ser assim" ou "Por que o mundo é assim?"... Quem nunca fez este tipo de pergunta? Constantemente nos vemos diante de situações ou problemas que nos levam a fazê-las. Isso é tão "normal" que nunca, ou dificilmente, nós paramos para pensar sobre o ato mesmo de fazer estas perguntas. Simplesmente perguntamos, sem nos questionarmos por que as fazemos; elas fazem parte do nosso cotidiano, da nossa "normalidade".

2 - Uma das coisas importantes na vida em sociedade é exatamente saber responder bem este tipo de pergunta. Diante de um amigo em perigo devo ajudá-lo, mesmo correndo riscos? Ou então, quando um amigo está se "afundando" em drogas, posso e devo "me intrometer" em sua vida, ou cada um "sabe o que faz", e devo me manter indiferente? Haveria algum caso em que seria certo atravessar um sinal vermelho? Em que casos isto seria absolutamente incorreto?

3 - Frente ao problema dos menores abandonados ou da corrupção no mundo político e econômico, devo tomar alguma atitude ou simplesmente manter-me alheio a estas coisas e cuidar dos meus interesses? Respostas a este tipo de questões vão determinando o rumo e os passos concretos das nossas vidas.

4 - O problema é que não estamos muito acostumados a refletir sobre estas questões. Na maioria das vezes respondemos de uma forma quase que instintiva, automática, reproduzindo alguma fórmula ou "receita" presente no nosso meio social. Geralmente seguimos as normas da sociedade ou do nosso grupo social, e, assim, nos sentimos dentro da normalidade. E isso nos dá a segurança e o alívio de não termos que nos responsabilizar por alguma atitude ou ações diferentes das tomadas por outros.

**II - MORAL E ÉTICA**

1 - As normas da sociedade que estamos falando aqui têm muito a ver com os valores morais. Elas são os meios pelos quais os valores morais de uma sociedade são expressos e adquirem um caráter normativo, isto é, obrigatório. Normas, normativo, normal, moral e costumes são palavras que estão interligadas em torno da questão que estamos analisando.

2 - Aliás, a palavra MORALvem do latim *mos* (singular), e *mores* (plural), que significa costumes. Por isso, muitos utilizam a expressão "bons costumes" como sinônimo de moral ou moralidade.

3 - Quando todos aceitam os costumes e os valores morais estabelecidos na sociedade não há necessidade de muita discussão sobre eles. Mas quando surgem questionamentos sobre a validade de determinados valores ou costumes, surge a necessidade de fundamentar teoricamente estes valores vividos de uma forma prática: e, para aqueles que não concordam, a de criticá-los. Aqui aparece o conceito ÉTICA*,* que vem do grego *ethos,* modo de ser, caráter, morada do homem.

4 - De modo geral é comum usar o conceito de ética e moral como sinônimos ou, quando muito, a ética é definida como o conjunto das práticas morais de uma determinada sociedade, ou então os princípios que norteiam estas práticas. Quando se diferencia a ética da moral, geralmente visa-se distinguir o conjunto das práticas morais cristalizadas pelo costume e convenção social dos princípios teóricos que as fundamentam ou criticam. O conceito ética é usado aqui para se referir à teoria sobre a prática moral. Ética seria então uma reflexão teórica que analisa e critica ou legitima os fundamentos e princípios que regem um determinado sistema moral (dimensão prática).

5 - Não é raro na história o surgimento de filósofos ou profetas que propõem um sistema ético criticando a moral vigente e propondo uma revolução nos valores e normas estabelecidas da sociedade. Sócrates, por exemplo, questionou com a sua filosofia os valores da democracia ateniense, e Jesus com a sua prática e ensinamentos criticou profundamente a moral judaica do seu tempo. É nesse sentido, de crítica da moral estabelecida, que estaremos utilizando o termo ética*.*

6 - Esta experiência de se rebelar diante de uma prática ou valor moral não é exclusiva dos grandes filósofos ou profetas. Todos nós a vivemos ou podemos vivê-la. Basta não estarmos totalmente domesticados pelos valores morais vigentes para discordarmos de algumas ou muitas coisas que vemos ao nosso redor. É a experiência de "estranhamento" frente à realidade, de sentir-se estranho (fora da normalidade) diante do modo como funciona a sociedade, ou até mesmo em relação ao modo de ser e agir de outrem. É a descoberta da diferença entre o que é e o que *deveria se.* Esta é a experiência ética fundamental.

**III - ÉTICA E CONDIÇÃO HUMANA**

1 - Conhecer alguns pontos fundamentais sobre a ética não é apenas questão acadêmica ou restrita a alguns momentos em que a sociedade discute mais acaloradamente - por exemplo, os problemas éticos na política - mas é também uma necessidade para a convivência social.

2 - Para entendermos melhor isso, devemos começar essa análise com o próprio ato de se fazer a pergunta: "*Que devo fazer?*" Esta pergunta mostra que os seres humanos não nascem geneticamente pré-programados. O fato de não saber como agir numa determinada situação nos mostra que, diferentemente de outros animais, os seres humanos são seres inacabados, isto é, não são determinados pela natureza. Tampouco somos seres predestinados, isto é, determinados pelo destino ou por Deus (es). Se o fôssemos, agiríamos instintivamente e não faríamos este tipo de pergunta. Por isso é que cada um, ou cada grupo social, cria respostas e soluções diferentes para perguntas e problemas semelhantes. O ser humano deve, portanto, construir ou conquistar o seu ser. Ele não nasce pronto, se faz ser humano, se torna pessoa. O grande desafio de nossas vidas é este processo de construção do nosso ser.

3 - O fato de sermos diferentes de outros animais não quer dizer que não tenhamos nada em comum com eles. Nós também partilhamos de certas determinações da natureza, certas "necessidades naturais" que não podemos ignorar. Ninguém pode deixar de comer, respirar, beber, dormir, sonhar etc., sem correr o risco de morrer. Mas, ao mesmo tempo, nós temos um espaço de liberdade em nossas vidas. Os nossos sonhos, os desejos, as soluções para essas necessidades e outros aspectos da vida não são determinados pela natureza ou pelo destino.

4 - O fato de sermos livres, mesmo que não o sejamos de forma absoluta, levanta o problema da responsabilidade. Se a nossa vida não está pré-programada pela natureza ou destino/Deus, a forma como a organizamos, o sentido que damos à nossa existência e o modo como solucionamos os problemas que surgem na relação com outras pessoas e com a natureza é de nossa responsabilidade.

5 - Devemos ser responsáveis pelas consequências das nossas ações e atitudes. Pois delas dependem a convivência humana e a realização do "ser humano" de cada um. Esta responsabilidade, que nasce de nosso espaço de liberdade, é algo que pode parecer assustador. Pensar que o nosso futuro e da própria humanidade está nas mãos de cada um de nós - pelo menos no que toca à nossa responsabilidade - nos traz insegurança. Por isso é muito tentador acreditar que as nossas vidas já foram predestinadas pela vontade divina ou pelo destino. Ou então simplesmente não pensar nestas coisas e imitar o que outros fazem, reproduzindo os valores e normas morais vigentes na sociedade. Sem se preocupar muito com a conquista do nosso ser e com as consequências futuras das nossas ações individuais e coletivas.

**IV - INDIGNAÇÃO ÉTICA**

1 - Um segundo ponto é a pergunta sobre o que "*devo fazer*" ou sobre o que "*deveria ser*". Ela nos mostra uma importante diferença entre o sere o dever-ser*.* Só quando superamos a visão da realidade existente como algo inquestionável e absoluto é que podemos imaginar, sonhar e pensar sobre uma outra realidade diferente e melhor.

2 - Na época da escravidão, por exemplo, as pessoas acreditavam que os escravos eram seres inferiores por natureza (como dizia **Aristóteles**) ou pela vontade divina (como diziam muitos na América colonial). Elas não se sentiam eticamente questionadas diante da injustiça cometida contra os escravos. Isso porque o termo "injustiça" já é fruto de juízo ético de alguém que percebe que a realidade não é o que deveria ser. A experiência existencial de se rebelar diante de uma situação desumana ou injusta é chamada também de indignação ética*.*

3 - Tal indignação é uma das experiências humanas fundamentais, pois é a experiência de liberdade frente às normas injustas e petrificadas aceitas com "normalidade". É a experiência que nos permite também desmascarar o mal travestido de normalidade e descobrir, mesmo que parcial e superficialmente, o bem e a justiça. Leva-nos também a vislumbrar um futuro que não seja uma mera repetição do presente, e nos impulsiona a construirmos um futuro diferente e melhor do que o presente.

**V - INTENÇÕES E EFEITOS**

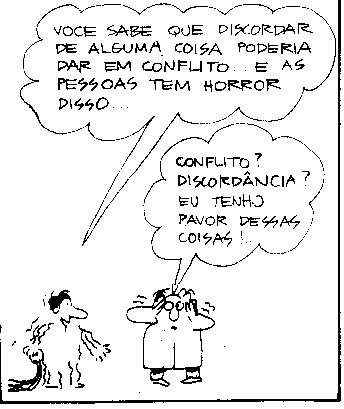
1 - Um terceiro ponto. Quando assumimos conscientemente a nossa condição humana - com necessidades e liberdade, limites e potencialidades - e buscamos realizar o nosso ser, tornamo-nos responsáveis pelas nossas atitudes e atos. Isto é, somos responsáveis não somente pelas intenções das nossas ações, mas também pelas suas consequências. As nossas ações têm, por trás de si, motivações. Essas podem ser conscientes ou inconscientes. Quando são conscientes, isto é, quando temos a consciência do fim almejado e dos meios utilizados, nós temos um ato voluntário. Ao contrário do que muitos podem pensar, somente uma pequena parte das nossas ações tem motivações conscientes e são voluntárias. A maioria delas tem motivações inconscientes e é "automática". Estas ações "automatizadas" são frutos da internalização de valores e regras morais e sociais. Internalização essa que se dá no processo de socializaçãode todos os indivíduos numa sociedade.

2 - Além das intenções devemos levar também em consideração os desdobramentos de nossas ações. É importante destacar que as ações humanas produzem efeitos intencionais, mas também efeitos não-intencionais. Isto é, consequências que não estavam previstas na intenção do ato e que, muitas vezes, vão na direção oposta da intenção. Um exemplo disso pode ser alguém que tendo problema de estômago toma sal de fruta e vê a situação agravada porque o "remédio" piorou a sua úlcera. Ou então alguém que na intenção de melhorar a qualidade de vida usa produtos que aumentam o efeito estufa, que pode tomar inviável a vida humana sobre a terra.

3 - Os efeitos não-intencionais mostram que há algo entre a intenção da minha ação e o resultado que não foi previsto e controlado. A primeira possibilidade é que a minha ação teve um problema operacional, isto é, não foi capaz de materializar a minha intenção. Nesse caso, eu devo aperfeiçoar a minha capacidade de ação. No caso de não ser verdadeira a hipótese anterior, aparece a possibilidade de que entre a minha ação e o resultado final exista uma estrutura ou sistema (social, econômico, cultural, político, biológico etc.) que processe as minhas ações de uma forma diferente daquela que eu tinha previsto originalmente.

4 - O conhecimento da possibilidade dos efeitos não-intencionais nos levanta a necessidade de não reduzirmos as questões éticas às intenções das pessoas e também a de entendermos melhor estas estruturas ou sistemas que interferem nas nossas ações e vidas.

**VI - CONFLITOS INEVITÁVEIS**

1 - O questionamento ético revela algumas contradições que fazem parte de nossas vidas. A primeira contradição é o conflito que pode existir entre meu interesse a curto prazo e meus objetivos a médio ou a longo prazos. Podemos tomar como exemplo uma experiência comum na nossa infância: a vontade de brincar sem parar e o objetivo de passar de ano na escola. São dois objetivos bons "em si", mas que, na maioria dos casos, são contraditórios se colocados dentro da linha do tempo. Infelizmente ou felizmente a nossa vida não é linear e os nossos interesses e objetivos não são necessariamente acumulativos. Existem opções e interesses imediatos ou menores que se chocam com os objetivos maiores e a longo prazo.

2 - É claro que neste exemplo não há uma resposta *a priori* que sirva para todos. Cada um que se vê neste tipo de situação deve pesar as vantagens e desvantagens de cada opção e fazer, se não forem absolutamente excludentes, uma escolha que permita atingir o bem maior sem negar totalmente os interesses imediatos, o que nos interessa aqui é mostrar que existe este tipo de conflito de interesses e que no discernimento concreto deve prevalecer o bem (objetivo) maior do indivíduo ou do grupo. Mas como existem motivos e objetivos inconscientes, muitas vezes não é tão simples saber qual é o objetivo maior que deve servir de critério para definir o que se deve fazer. Principalmente quando se trata de conflito entre interesses imediatos e de longo prazo de um grupo social. Pois nesses casos os interesses inconscientes ou não confessos têm um peso ainda maior.

3 - A segunda contradição. Além desse conflito existe também o conflito entre interesse pessoal e coletivo. Se não houvesse esse tipo de conflito, ou se não fosse importante, as pessoas não se perguntam sobre o que deve ou não fazer em relação às outras pessoas ou outros grupos. Simplesmente buscam os seus interesses próprios, ignorando os interesses e direitos dos outros e os da coletividade como tal.

4 - Mas a vida nos ensina que ninguém, ou quase ninguém, pode viver totalmente isolado, não somente por causa das necessidades afetivas, mas também por causa das necessidades materiais. É muito difícil para uma só pessoa produzir todas as coisas de que necessita para sobreviver dignamente. A necessidade de conviver com outros nos leva à necessidade de estabelecermos relações que permitam a sobrevivência de todos os que compõem a coletividade. Isso significa na prática que os meus direitos e interesses não podem ser absolutizados na medida em que entram em conflito com interesses e direitos de outros com os quais necessito conviver. A absolutização dos meus interesses seria a negação dos direitos de outros e a declaração de que eu não necessito deles para viver. Se cada um toma este tipo de atitude, torna-se impossível a vida em um grupo social.

5 - Além disso, existem interesses da coletividade que não são somente diferentes, mas também conflitantes com interesses individuais dos seus membros. Se pegarmos como exemplo a cobrança de impostos, com certeza chegaremos à conclusão de que ninguém gosta de pagá-los e que não os pagaria se pudesse e se tivesse a certeza de que não iria sofrer sanções. É exatamente por isso que se chama "imposto" (particípio passado do verbo impor). Mas as pessoas que têm consciência do conflito entre os interesses individuais e os da coletividade sabem que os impostos são uma necessidade de todas as sociedades para a realização de serviços públicos.

6 - Por trás de normas e valores morais que regulam este tipo de conflito está uma experiência humana secular: um membro de uma coletividade não sobrevive se esta mesma coletividade vier a se extinguir. É claro que existem exceções para membros que conseguem encontrar novos grupos em substituição daquele que acabou. Mas quando a coletividade que acaba é a própria humanidade, com a inviabilização da vida humana na terra, nenhum indivíduo poderá se tornar esta exceção.

**VII - CONSCIÊNCIA ÉTICA**

1 - Em resumo, nós somos seres morais e as comunidades humanas sempre criaram sistemas de valores e normas morais para possibilitar a convivência social, porque somos seres não determinados pela natureza ou pelo destino/Deus. E no processo de conquista da liberdade e do nosso ser descobrimos a diferença entre o ser e o dever-ser e a vontade de construir um futuro diferente e melhor do que o presente. Para esta construção não basta boas intenções, mas também um controle sobre os efeitos não intencionais das nossas ações e o conhecimento de que o questionamento moral pressupõe um conflito entre interesse imediato e a longo prazo e entre interesse particular e o da coletividade.

2 - A consciência ética que surge desse conjunto é diferente de uma simples assimilação de valores e normas morais vigentes na sociedade. Ela surge com a "desconfiança" de que os valores morais da sociedade - ou os meus - encobrem algum interesse particular não confessável ou inconsciente que rompe com as próprias causas geradoras da moral. Desconfiança de que interesses imediatos e menores são colocados acima dos objetivos maiores, os interesses particulares acima do bem da coletividade, ou que é negada aos seres humanos a sua liberdade e a sua dignidade em nome de valores petrificados ou de pseudoteorias.

**Fonte: (SUNG, Jung Mo. *Conversando sobre Ética e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1998 (3ª edição), p. 11-24)**

**2ª PARTE: CRITÉRIO ÉTICO E POSTURAS MORAIS**

**I - COMEÇO DE CONVERSA**

1 - Ética é para nós uma dimensão que nos permite o questionamento sobre as práticas, atitudes, regras e ações humanas. Para que este questionamento seja possível é necessário saber qual o critério que estamos usando para avaliar a ação humana.

2 - O critério que assumimos é a própria vida humana. Partimos do princípio de que as sociedades existem para garantir a sobrevivência dos seres humanos e, mais do que isso, uma existência digna com acesso a tudo que seja necessário ao seu pleno desenvolvimento. E que a função social da moral é exatamente contribuir na obtenção desse objetivo, normatizando as relações entre os seres humanos entre si, com a comunidade e com a natureza. Sendo assim, a vida deve ser o critério para avaliar as atitudes da sociedade e dos indivíduos.

3 - Além desse critério devemos considerar que a ética exige mudanças de atitudes. Hoje mais do que nunca a humanidade se dá conta de que vivemos em um mundo globalizado, onde as ações de um repercutem diretamente na vida dos outros. Esta constatação é mais visível quando pensamos nos problemas ecológicos, no racismo e na guerra, que são problemas concretos aos quais as respostas individuais ou grupais não conseguem resolvê-los. A única possibilidade estaria em uma resposta construída com a participação de todos os grupos envolvidos. O que exige a construção de uma ética com princípios e valores aceitos *por todos* e válidos *para* todos, apesar de todas as diferenças.

4 - Convidamos você para uma reflexão sobre a ética e os problemas éticos que se apresentam no mundo contemporâneo e que não podem deixar de ser enfrentados sob o risco de colocarmos a sobrevivência da humanidade em perigo.

**II - TRÊS POSTURAS SOBRE A MORAL**

1 - Para uma compreensão mais abrangente da ética começaremos discutindo o que é a moral. Sobre as questões morais se debruçaram grandes filósofos que produziram contribuições muito significativas sobre este tema. Não é nossa intenção aqui apresentar as contribuições que filósofos como Platão, Aristóteles, Espinosa, Kant e outros deram à discussão sobre a moral - já existem muitas publicações neste sentido. Pretendemos apresentar as posturas mais comuns que as pessoas adotam frente à questão moral. É claro que muitas delas podem refletir, em alguma medida, a influência das correntes filosóficas; afinal, somos todos filhos da cultura ocidental, mas essa vinculação não é automática.

2 - As duas vertentes mais presentes em nosso comportamento moral são a moral essencialista (também chamada de ética de princípios), que herdamos das tradições greco-latina e judaico-cristã, e a moral subjetivista, fruto da cultura moderna. Além dessas duas vertentes introduziremos uma terceira, a ética da responsabilidade, que se orienta não só pelos princípios, mas também pelo contexto e efeitos das ações.

**A) MORAL ESSENCIALISTA OU ÉTICA DE PRINCÍPIOS**

1 - Este é talvez o modelo que temos mais vivamente em nossas mentes quando se fala em moral ou quando chamamos alguém de "moralista". Trata-se de um conjunto de normas que devem servir de base para o comportamento moral dos indivíduos em toda e qualquer situação. Geralmente este conjunto de princípios está alicerçado sobre um princípio regulador de fundo filosófico ou, na maioria dos casos, religioso.

2 - Esta forma de moral é própria das sociedades tradicionais, onde a força dos costumes e das normas desempenha um papel fundamental na manutenção da coesão da sociedade. As regras de conduta moral, o que é bom e o que é mau para as pessoas, já estariam definidas desde sempre, cabendo ao indivíduo somente aceitar tais regras. Sendo que a não-aceitação das regras poderia trazer sérias consequências ao indivíduo e a toda a comunidade.

3 - Esse tipo de moral é baseado em princípios transcendentes, ou seja, as regras de conduta moral são exteriores ao sujeito. Em geral acredita-se que elas foram ditadas por Deus. Cabe ao ser humano seguir estas regras em sua vida cotidiana, sem poder reformá-las ou mesmo substituí-las por outras, pois não sendo autor delas também não está em seu poder a possibilidade de mudá-las.

4 - O cumprimento de tais regras morais pode ser assegurado por critérios pessoais ou coletivos. Coletivos quando existe uma pressão por parte da sociedade para o cumprimento das regras, sob pena de castigo ou punição com a expulsão da comunidade, ou até mesmo com a morte, dependendo da gravidade da falta.

5 - Já no caso dos critérios pessoais, o indivíduo segue determinados preceitos por ter a convicção de estar agindo conforme a vontade de Deus e orientado por princípios de justiça. Neste grupo incluímos a ação modelar dos profetas, mártires e santos. Pessoas que primam pela vida ética e por colocar os princípios morais acima de quaisquer outros. Num outro grupo estariam as pessoas que se guiam por motivos morais menos elevados, que agem sem convicção, mas só pela esperança de receber alguma recompensa divina, como uma vida próspera ou na esperança de uma vida eterna no céu.

6 - Na Modernidade, com a formalização do direito na maioria das sociedades, o Estado passou a ter o monopólio da aplicação da justiça. O que enfraqueceu o poder da comunidade de controlar e de punir os seus membros. Passou a ser mais comum, portanto, as pessoas seguirem determinados preceitos religiosos ou filosóficos por motivos pessoais; seja por convicção, seja pela esperança de recompensa terrena ou futura.

7 - O essencialismo, que ficou enfraquecido na Modernidade, ainda continua como uma forma muito difundida de comportamento moral. Isso se deve ao fato de que através da filosofia grega e da cultura judaico-cristã acabou-se enraizando e formando a base da nossa cultura ocidental.

8 - Apesar da sua longevidade, a moral essencialista apresenta alguns problemas. Um deles é o de ser uma forma de conduta que limita o campo da liberdade humana. Se eu não posso questionar as regras nem transformá-las, minha liberdade está restrita a obedecê-las. Por não permitir soluções novas que possam ser tomadas de comum acordo pelos membros da comunidade ou que atendam a situações concretas bastante particulares, as regras morais essencialistas acabam se tornando uma camisa-de-força, ao invés de contribuírem para a melhoria da convivência social e para felicidade dos seres humanos.

9 - Isto tem pouco a ver com as raízes da tradição judaico-cristã. O profetismo, por exemplo, foi um movimento que sempre lutou para libertar o ser humano do jugo das leis. O próprio Jesus de Nazaré atacou o legalismo da sua época, dizendo: "O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado". E o sábado era a lei mais importante do judaísmo, a lei que havia mantido a identidade do povo judeu nos tempos de exílio e dominação.

10 - É importante que existam normas sociais que sejam respeitadas por todos para que a convivência social se torne possível, mas estas normas não podem ser inflexíveis. Daí a sujeição das normas morais a um critério mais elevado: a vida humana. As regras devem ou não ser cumpridas de acordo com este critério. As regras de conduta, por mais bem elaboradas que sejam, sempre correm o risco de se transformarem em instrumentos de poder para oprimir e controlar a vida das pessoas.

11 - Além disso, por ser um conjunto de normas inflexíveis, elas dificilmente se adaptam às mudanças históricas e culturais da sociedade e acabam entrando em contradição com as novas formas de vida. O resultado disso é um conflito entre a moral de princípios e a ética da responsabilidade, isto é, entre seguir os princípios sem estar atento às consequências que estes possam trazer, ou estar atento aos efeitos e desrespeitar os princípios. Um exemplo disso é a posição do Vaticano, que, apegado à dimensão procriativa do sexo como a finalidade natural e intrínseca das relações sexuais, condena os modernos métodos de contracepção. Seria eticamente responsável ter muitos filhos quando não se pode sequer sustentá-los?

12 - O descompasso entre os princípios morais e as exigências da realidade podem levar as pessoas a cair no outro extremo, o individualismo.

**B) MORAL INDIVIDUALISTA**

1 - Na modernidade ocorre uma reação aos exageros de uma sociedade baseada na tradição e nos costumes como era a sociedade medieval. O princípio que norteia a Modernidade é que cada indivíduo deve sair da minoridade, isto é, não deve se guiar pela tradição e por um conjunto de verdades preestabelecidas, mas deve ele mesmo escolher o que é melhor para si e para sociedade. O critério para esse discernimento não precisa ser procurado em nenhum livro, pois está em nós mesmos: a nossa razão. Deus ou a natureza dotou todo homem de razão, basta que façamos um bom uso dela para evitar o erro. Na era moderna, a subjetividade ocupa um lugar central na busca de uma maior autonomia e liberdade dos indivíduos frente às instituições.

2 - Essa posição, onde cada um encontra em si mesmo o critério para bem julgar, acabou também por produzir também os seus excessos, levando ao surgimento de uma moral individualista. Adotou-se a máxima do "cada um por si", e as pessoas passaram a ter um comportamento egoísta, buscando apenas o próprio interesse. É a famosa lei de querer "levar vantagem em tudo", muito estimulada numa sociedade baseada na concorrência, como é a sociedade capitalista, onde subir na vida implica, muitas vezes, em utilizar os outros como degraus. Neste caso, o ser humano deixa de ser visto como um fim em si mesmo e passa a ser visto como meio.

3 - Se a moral essencialista era predominante na Idade Média, podemos dizer que a moral individualista é a moral do capitalismo. Os laços comunitários e a solidariedade deram espaço à disputa e à concorrência.

4 - Se por um lado a Modernidade trouxe a vantagem de dar maior liberdade e autonomia aos indivíduos, por outro não colocou nada no lugar dos antigos critérios de moralidade, a não ser a defesa do interesse pessoal e imediato, o egoísmo. Caímos assim na contradição de uma sociedade que em geral acredita que falar a verdade é melhor que mentir, que se deve ajudar o próximo, etc., mas que na prática não se comporta dessa maneira, e sim segundo conveniências pessoais em cada situação. Ou seja, conhecemos muito bem as normas de conduta necessárias para uma boa convivência social e as aplicamos ou não de acordo com nosso interesse pessoal.

5 - Muitos acham que isso é uma falta de valores morais e se costuma falar que "há uma crise de valores", "que na sociedade de hoje já não há respeito como antigamente"... Na verdade, os valores estão todos aí, só perderam a força. Hoje as pessoas não se guiam mais por estes princípios e valores "antigos", mas sim por um novo: o interesse pessoal e imediato.

6 - A moral individualista realizou uma grande revolução ou inversão na concepção moral tradicional. Antes a solidariedade e o altruísmo eram incentivados como valores morais importantes e o egoísmo era controlado ou reprimido. Hoje o egoísmo (a defesa do interesse próprio) passou a ser um valor central na vida social, enquanto que a solidariedade e o altruísmo perderam sentido numa sociedade de competição.

7 - Este tipo de moral é bastante corrosiva porque é simplesmente irresponsável. Nós não vivemos isolados, logo todas nossas ações interferem, de uma maneira ou de outra, na vida de várias pessoas e vice-versa. Não é possível viver em sociedade sem levar em conta as contradições inerentes à vida em sociedade. Contradições essas que geram a necessidade de uma moral, até mesmo da individualista. O problema é que este tipo de moral não responde às necessidades da convivência social, pois não se pode viver numa sociedade sem abrir mão de algum interesse pessoal e imediato para que todos os membros da comunidade possam também ter acesso a um mínimo indispensável para uma vida digna.

8 - Nunca devemos esquecer de que, quando a sociedade entra em crise, todos os seus membros acabam sentindo os efeitos. Mesmo que seja de uma forma indireta e a longo prazo. Há um ditado que diz que o mundo é dos espertos, mas ninguém gostaria de viver num mundo só de espertos. Os lemas do "cada um por si" e do "levar vantagem" na verdade servem a dois propósitos. De um lado servem àqueles que têm mais poder e dinheiro e. portanto, maiores condições de fazer prevalecer seus interesses contra aqueles que são mais pobres. Como na sociedade capitalista os interesses individuais dos poderosos acabam prevalecendo sobre os interesses coletivos, esse tipo de comportamento social egoísta acaba por favorecer aos ricos.

9 - Por outro lado, os valores de uma sociedade de concorrência impedem que as pessoas se solidarizem umas com as outras e que se unam para mudar a orientação da sociedade buscando o bem comum, o que ajuda a manter as injustiças sociais e a riqueza e poder de uns poucos que se julgam acima da lei.

**C) ÉTICA DA RESPONSABILIDADE**

1 - Igualmente distante do individualismo e do essencialismo está a ética da responsabilidade. Nessa perspectiva cada grupo social determina consensualmente os padrões de conduta que devem ser seguidos pelos indivíduos desse grupo. Estes padrões, porém, não devem ser vistos como universais e imutáveis, mas sim relativos a cada situação determinada e sempre sujeitos a mudanças, caso a comunidade as julgue necessárias.

2 - A diferença básica entre a ética da responsabilidade e as outras posturas que vimos anteriormente é que ela não se orienta somente por princípios, mas principalmente pelo contexto e pelos efeitos que podem causar nossas ações.

3 - Não roubar é um princípio ético inquestionável que visa proteger a própria integridade social. Mas, em certos casos, a situação pode exigir que o indivíduo tome uma atitude contrária a seus princípios e ser mesmo assim uma ação moralmente justificável. Roubar os cofres públicos através de corrupção para se tornar milionário não é a mesma coisa que roubar um pão para matar a fome de uma criança. No primeiro caso trata-se de um crime, no segundo da defesa do direito à sobrevivência. Portanto, não é apenas o ato de roubar ou de mentir, por exemplo, que determina se uma determinada ação é eticamente justa ou não. Os efeitos, assim como a situação em que a ação se desenvolve, também devem servir de critério para avaliá-la.

4 - Há um ditado que diz que "de boas intenções o inferno está cheio", isto quer dizer que não basta termos uma série de normas e regras e a boa intenção de segui-las, mas que estas devem sempre se adaptar a cada situação específica. O que não significa que devemos ignorá-las sempre que não nos favoreça, como no individualismo. Pois este, como já vimos, é também irresponsável por não levar em conta os outros e por descuidar dos efeitos não-intencionais de sua ação.

5 - As normas morais, assim como a sociedade, não são fruto de uma ordem transcendente, mas sim uma criação dos próprios seres humanos. O objetivo dessas normas é assegurar a sobrevivência do grupo social e de cada indivíduo, e só de acordo com este objetivo se justifica o seu cumprimento. Mas então, se as normas morais não têm uma origem sagrada, quem as elabora?

6 - Aqui novamente devemos ser responsáveis. A elaboração das normas éticas para toda sociedade não deve ficar sob o controle de uma minoria que procuraria elaborar normas que só defendessem os seus interesses, mais ou menos como ocorre com as normas do direito, que quase sempre acabam beneficiando os mais ricos. Para se evitar este risco, o máximo de membros da comunidade deve participar na elaboração das normas que a afetam direta ou indiretamente. O ideal de participação e a busca de consenso devem servir de base para uma ética da responsabilidade. Partindo-se do pressuposto de que todos nós somos dotados de razão e que através da análise cuidadosa dos fatos e da busca do consenso, consultando um grande número de pessoas sobre cada questão, podemos chegar à elaboração de normas mais justas. Estas, porém, como toda criação humana, nunca serão perfeitas, necessitando sempre de mudanças e da busca de novos consensos.

7 - Como nenhuma lei é isenta de falhas, nunca podemos deixar de lado nossa capacidade de julgá-las segundo critérios éticos. O mais importante destes critérios é o da vida humana. Toda vez que este princípio for ameaçado por uma norma, seja ela moral, política ou econômica, esta norma deve ser desobedecida ou mudada. Daí a necessidade de conhecermos as normas de funcionamento dessas instituições para sabermos se elas estão ou não respeitando o direito à vida de cada ser humano. Caso contrário, para sermos eticamente responsáveis, devemos agir no sentido de transformá-las.

**Fonte: SUNG, Jung Mo. *Conversando sobre Ética e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 41-53. Adaptação Edward Guimarães**

**III - ANEXOS**

**A)** **A TRADIÇÃO CRISTÃ DAS VIRTUDES:**

|  |  |
| --- | --- |
| **VIRTUDES TEOLOGAIS** | Fé, esperança, caridade. |
| **VIRTUDES CARDEAIS** | Coragem, justiça, temperança, prudência. |
| **VIRTUDES MORAIS** | Sobriedade, prodigalidade, trabalho, castidade, mansidão, generosidade, modéstia. |
| **PECADOS CAPITAIS** | Gula, avareza, preguiça, luxúria, ira, inveja ou cobiça, orgulho ou vaidade. |

**B) AS VIRTUDES E OS VÍCIOS, SEGUNDO O FILÓSOFO ARISTÓTELES:**

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **VÍCIO POR DEFICIÊNCIA** | VIRTUDE | **VÍCIO POR EXCESSO** |
| Covardia | **Coragem** | Temeridade |
| Insensibilidade | **Temperança** | Libertinagem |
| Avareza | **Prodigalidade** | Esbanjamento |
| Vileza | **Magnificência** | Vulgaridade |
| Modéstia | **Respeito próprio** | Vaidade |
| Moleza | **Prudência** | Ambição |
| Indiferença | **Gentileza** | Grosseria |
| Descrédito próprio | **Veracidade** | Orgulho |
| Rusticidade | **Agudeza de espírito** | Zombaria |
| Enfado | **Amizade** | Condescendência |
| Malevolência | **Justa indignação** | Inveja |

**C) CONSTITUINTES DO CAMPO ÉTICO**

|  |
| --- |
| 1. **SER CONSCIENTE DE SI E DOS OUTROS, isto é, ser capaz de reflexão e de reconhecer a existência dos outros como sujeitos éticos a iguais a ele.** 2. **SER DOTADO DE VONTADE, isto é, de capacidade para controlar e orientar desejos, impulsos, tendências, sentimentos e de capacidade para deliberar e decidir entre várias alternativas possíveis.** 3. **SER RESPONSÁVEL, isto é, reconhecer-se como autor da ação, avaliar os feitos e desdobramentos dela sobre si e sobre os outros, assumi-la bem com às suas consequências, respondendo por elas.** 4. **SER LIVRE, isto é, ser capaz de oferecer-se como causa interna de seus sentimentos atitudes e ações, por não estar submetido a poderes externos que o forcem e o constranjam a sentir, a querer e a fazer alguma coisa.** |

**D) DILEMAS ÉTICOS**

Vivemos certas situações, ou sabemos que foram vividas por outros, como situações de extrema dúvida na busca do melhor caminho a seguir. O senso moral é acionado e coloca a prova nossa consciência moral, que problematiza e se posiciona diante das diversas alternativas. Emitimos nossos juízos de valor e as consideramos certas ou erradas, boas ou ruins, para nós, para os outros, para a humanidade ou para todo planeta. Mas julgamos sempre a partir de **valores** (justiça, honradez, integridade, etc.) que fazem com que a situação em questão nos afete com atração (como bom ou bem) ou repulsa (como mal ou ruim).

A seguir vamos enumerar algumas dessas situações. Vamos exercitar, num debate saudável em sala de aula, a busca da melhor solução, da ação correta. Esse exercício ajudará no aprendizado da reflexão ética.

I - **EUTANÁSIA**: Você tem uma pessoa querida da família (pense num avô (avó), pai (mãe), irmão (a), tio (a) etc.) com uma doença terminal. Ela está viva apenas porque seu corpo está ligado a aparelhos que a conservam. Esta pessoa encontra-se mergulhado em dores intensas e geme em seu sofrimento. O melhor não seria tomarmos a decisão de desligar os aparelhos e deixá-la morrer? Mas podemos fazer isso (tomar essa decisão por ela)? Que fazer? Qual a ação correta?

II - **ABORTO**: Uma jovem descobre que está grávida. Sente que seu corpo e seu espírito ainda não estão preparados para a gravidez. Sabe que seu parceiro, mesmo que deseje apoiá-la, é tão jovem e despreparado quanto ela e que ambos não terão como responsabilizar-se plenamente pela gestação, pelo parto e pela criação de um filho. O que mudará em suas vidas? Ambos estão desorientados. E o que é pior eles não sabem como seus pais, seus amigos, bem como toda a sociedade reagirão diante da notícia da gravidez. O melhor seria tomar a decisão de abortar e colocar um fim nessa angústia? Mas podemos fazer isso (tomar essa decisão)? E a criança? Que fazer? Qual a ação correta?

III - **OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS**: Um pai de família fica desempregado, com três filhos pequenos e a esposa doente, recebe uma oferta de emprego, mas que exige que seja desonesto e cometa irregularidades que beneficiem seu patrão. Sabe que seu trabalho lhe permitirá sustentar os filhos e pagar o tratamento da esposa. Deve aceitar o emprego, mesmo sabendo o que será exigido dele? Ou deve recusá-lo e ver os filhos com fome e a mulher morrendo? Que fazer? Qual a ação correta?

IV - **TRIANGULO AMOROSO:**

a) Um rapaz namora, há tempos, uma moça de quem gosta muito e é por ela correspondido. Conhece uma outra. Apaixona-se perdidamente e é correspondido. Ama duas mulheres e ambas o amam. Pode ter dois amores simultâneos, ou estará traindo a ambos e a si mesmo? Deve magoar uma delas e a si mesmo, rompendo com uma para ficar com a outra? O amor exige uma única pessoa amada ou pode ser múltiplo? Que sentirão as duas mulheres, se ele lhes contar o que se passa? Ou deverá mentir para ambas? Que fazer? Qual a ação correta?

b) Se, enquanto ele está atormentando pela indecisão, um conhecido ou amigo dele o vê ora com uma das mulheres, ora com a outra e, conhecendo uma delas, deverá contar a ela o que viu? Em nome da amizade, deve falar ou calar? O que fazer? Qual a ação correta?

V - **TESTEMUNHA DE ROUBO**: Uma mulher vê um roubo. Vê uma criança pobre e esfomeada roubar frutas e pães numa mercearia. Sabe que o dono da mercearia está passando por muitas dificuldades e que o roubo fará diferença para ele. Mas também sabe vê a miséria e a fome da criança. Deve denunciá-la, julgando que com isso a criança não se tornará um adulto ladrão e que o proprietário da mercearia não terá prejuízo? Ou deverá silenciar, pois, a criança corre o risco de receber punição excessiva, ser levada para a polícia, ser jogada novamente nas ruas e, agora, revoltada, passar do furto ao homicídio? Que fazer? Qual a ação correta?

VI - **TESTEMUNHO OU OMISSÃO DA VERADADE:**

a) Você viu seu melhor amigo chegar na sala de aula todo ofegante. Ele partilha, em confidência, algo que fez sozinho no colégio. Diz que colocou uma bomba relógio no banheiro da escola. No dia seguinte você fica sabendo não somente que a bomba foi detonada, mas que feriu gravemente um funcionário da faxina da escola. Este se encontra em coma na UTI do hospital. O colégio está cheio de policiais e investigadores. Os estudantes estão apavorados e passam por um grande interrogatório. O comandante da operação pergunta se você sabe de alguma coisa. O que você deve fazer? Contar a verdade do que sabe ou se calar omitindo a verdade? Qual a ação correta?

b) Nesse meio tempo você fica sabendo que o funcionário da escola veio a falecer, deixando dois filhos pequenos e que um estudante cuja fama de bagunceiro era enorme, está sendo acusado (foi encontrado suas digitais no local da explosão) como responsável pelo caso. O que fazer? Qual a ação correta?

VII – **DELAÇÃO PREMIADA**: “O ex-Dep.Roberto Jefferson, ao ser preso e perder o mandato, foi o autor das inúmeras denúncias de esquemas de corrupção. Graças às suas denúncias o Brasil tomou conhecimento de uma situação intolerável numa democracia. Devido a sua postura, a decisão da Câmara de cassar seus direitos políticos foi ética ou vingativa? Ela deve ser mantida ou deve ser revista? Ele deve ser beneficiado com a delação premiada ou não? O que fazer? Qual a melhor posição a ser tomada? Qual a ação correta?

**Fonte: CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia, São Paulo: Ática, 2000, p. 160 – 161. Adaptação: Edward Guimarães**

|  |
| --- |
| **EXERCÍCIOS DE APROFUNDAMENTO**   1. **REFLITAM e RESPONDAM: A) MOSTREM em que sentido a ÉTICA, para o autor, é dimensão inerente à condição humana. B) DEEM dois exemplos cotidianos atuais.** 2. **A) As pessoas devem ser responsabilizadas por todos os seus atos? B) E quando uma AÇÃO NÃO-INTENCIONAL (o famoso “foi sem querer”) traz consequências negativas para a vida de outra pessoa, o sujeito da ação deve ser responsabilizado e penalizado por ela? C) JUSTIFIQUEM a partir da relação estreita e inseparável entre LIBERDADE e RESPONSABILIDADE defendida pelo autor. D) POSICIONEM-SE individualmente em relação a esta questão.** 3. **A) DEFINAM, com suas palavras, INDIGNAÇÃO ÉTICA. B) Em seguida, MOSTREM por que, para o autor, essa experiência humana é fundamental.** 4. **EXPLIQUEM e ILUSTREM com exemplos do contexto atual as DUAS CONTRADIÇÕES apontadas pelo autor presentes na vida humana.** 5. **DEFINAM, segundo o autor, mas com suas palavras, CONSCIÊNCIA ÉTICA. Em seguida MOSTRE como se dá a formação da consciência ética de uma pessoa.** 6. **A) APONTEM o CRITÉRIO ÉTICO FUNDAMENTAL apresentado pelo autor. B) APRESENTEM as justificativas dadas pelo autor.** 7. **CARACTERIZEM as duas posturas morais extremas apresentadas pelo autor:**    1. **MORAL TRADICIONAL, ESSENCIALISTA, DE PRINCÍPIOS ou OBJETIVISTA;**    2. **MORAL MODERNA, INDIVIDUALISTA ou SUBJETIVISTA.** 8. **A) SINTETIZEM, com suas palavras, o que vem a ser a proposta de postura moral do autor, ou seja, a ÉTICA DA RESPONSABILIDADE. B) POSICIONEM-SE individualmente em relação à proposta do autor.** 9. **Levando-se em conta os constituintes do campo ético apresentados sinteticamente no anexo, EXPLICITEM, com suas palavras, as quatro condições para que exista um sujeito ético adulto.** 10. **A partir do horizonte reflexivo criado pelo texto estudado: A) REFLITAM e ANALISEM a seguinte afirmação: “Não somente os políticos, mas toda pessoa humana é, no fundo, corrupta. Todo homem tem seu preço”. B) POSICIONEM-SE, individualmente se a afirmação acima está CORRETA? C) JUSTIFIQUEM seu posicionamentos pessoais.** |

Juntos na construção de um MUNDO MELHOR PARA TODOS.

Este somente é concretizável com PESSOAS MELHORES.

Depende de mim, depende de você, DEPENDE DE NÓS!

Com estima e votos de cada um SEJA UM CIDADÃO ÉTICO,

Prof. dr. Edward Guimarães

E-mail: [edwardpucminas@gmail.com](mailto:edwardpucminas@gmail.com)

WhatsApp: 98273-0858